

PAULO FAITANIN

## EMBRIOLOGIA TOMISTA: CRIAÇÃO E INDIVIDUAÇÃO DA ALMA HUMANA SIMULTÂNEA À DISPOSIÇÃO DO CORPO

### I. INTRODUÇÃO

Tomás de Aquino não mudou de opinião acerca de sua doutrina da individuação, apesar de expô-la em distintos contextos e explicá-la de diversos modos<sup>1</sup>. A tese *materia signata quantitate* define, efetivamente, os seus ensinamentos sobre este tema. A *incomunicabilidade* da essência é o efeito imediato da individuação pela matéria. A unidade, a diversidade e a multiplicidade numérica se fundamentam na incomunicabilidade causada pela matéria<sup>2</sup>.

A incomunicabilidade é a individualidade que resulta da relação metafísica entre matéria e forma substancial, em que a matéria é o suposto

<sup>1</sup> Negam haver mudança: U. DEGL'INNOCENTI, *Il Principio d'individuazione nella scuola tomistica*, Roma, Libreria Editrice della Pontificia Università Lateranense, 1971, p. 71; J. BOBIK, «La doctrine de Saint Thomas sur l'individuation des substances corporelles» *Revue Philosophique de Louvain* 51 (1953) 5-41. Afirmam haver mudança: A. FOREST, *La structure métaphysique du concret selon saint Thomas d'Aquin*, Paris, Vrin, 1956, pp. 238-239, nota 2; M.D. ROLAND-GOSSELIN, *Le "De ente et essentia" de S. Thomas d'Aquin*, Paris, Vrin, 1926, p. 109; E. HUGUENY, «Résurrection et identité corporelle selon les philosophies de l'individuation», *Revue des sciences philosophiques et théologiques* 23 (1934) 94-106; J.R. ROSENBERG, *The principle of individuation. A comparative study of Saint Thomas, Scotus and Suarez*, Washington, C.U.A.P., 1950, pp. 25-40.

<sup>2</sup> Eis aqui algumas referências: *In I Sent* d8 q5 a2; d9 q1 a2 d23 q1 a1; d25 q1 a1 ad3; ad6; d36 q1 a1 sol; *De Ent et Es* c2 n7; *De Nat Mat* c1 n370; c2 n375; c3 n377; c4 n379, n380, n383, n385, n389; c5 n393, n394; c6 n398; *De Princ Ind* n426, n428; *In II Sent* d3 q1 a1; a3; d30 q2 a1; *In III Sent* d1 q2 a5 ad1; *In IV Sent* d12 q1 a1 sol3 ad3; q2 sol4; d44 q1 a1; q2 a2 sol2; *In de Trin* lect1 q4 a2; *CG* I c21 n199; I c44; IV c63; II c71 n1480; IV c65 n4019-4020; IV c81 n4151; *De Pot* q9 a1; a2 ad1; *Quodl VIII* a10; XI a6; *STh* I q3 a2 ad3; q29 a3 ad4; q54 a3 ad2; q56; a1 ad2; q76 a4; a6; *De An* a9; *De Spirit Creat* a3; *De Subs Sep* c7 n77; *Quodl I* q10 a21; a22; *Comp Th* c153 n305; n308; *STh* III q77 a2.

e a forma a natureza. A matéria por ser *primum subiectum* reúne as condições necessárias para individuar a forma que recebe. E exatamente a definimos ser princípio de individuação por ser primeiro sujeito, suposto. Na recepção da forma a matéria fica determinada a um certo grau de ser, advindo com a informação da forma.

O ser informado pela forma na matéria a determina especificamente, conferindo-lhe figura e qualidade e a sujeição da matéria à forma a determina quantitativamente, conferindo-lhe dimensões. A forma se reveste da determinação individual que lhe causa a matéria e a matéria se predispõe à figura que lhe imprime a forma. Denomina-se corpo a matéria disposta segundo certas dimensões à figura determinada pela forma específica que lhe informa. A figura do corpo humano resulta da intrínseca harmonia entre as dimensões corporais e a determinação específica da qualidade pela forma substancial.

Quem começa esta determinação figurativa do corpo é a matéria com suas dimensões, mas que informada previamente pela forma substancial. E isso é a individuação: que se dá de um modo instantâneo à recepção da natureza específica da forma substancial e simultânea à própria disposição figurativa e quantitativa do corpo.

A alma humana é forma substancial de natureza espiritual, portanto não é corpórea *forma corporeitatis*, porque não é induzida da própria matéria. Não obstante, apesar de ser espiritual ela é forma do corpo *forma corporis*, porque não existe senão em razão de unir-se ao corpo. Nestes termos, a alma humana, como as demais formas, também, se individua no corpo, com a diferença que não é induzida da matéria, como o são as demais formas substanciais, porque a sua origem transcende à matéria pré-existente, já que ela é criada direta e imediatamente por Deus.

Se por embriologia entendemos o estudo dos fenômenos relativos à formação e desenvolvimento do embrião, denominaremos aqui embriologia tomista o estudo da doutrina da origem instantânea da alma pela criação divina e de sua infusão simultânea na matéria, na medida em que isso determina as condições de formação e de desenvolvimento do embrião.

Nossa intenção é por em evidência a doutrina de Tomás de Aquino, segundo a qual estabelece que a criação do ser da alma é instantânea e simultânea à disposição do corpo embrionário; não constituindo isso condição necessária para afirmar que Deus crie uma alma sempre que disposto o corpo, pois pode dispor-se o corpo e a alma não ser criada, mas

constitui condição necessária à criação da alma, a disposição de um corpo, mesmo se este for gerado ou disposto de modo deficiente.

Com base nisso poderemos sustentar as seguintes teses: que a alma humana depende do corpo para começar a existir individualmente, mas não para subsistir individualmente separada dele, pois ela, em razão de sua natureza espiritual, pode subsistir individualmente no instante posterior à corrupção de seu suposto, retendo em sua perfeição espiritual a individualidade que lhe causou o seu corpo. Visaremos, pois, expor e analisar segundo a doutrina tomista: a criação da alma, a simultaneidade da disposição do corpo, e a instantaneidade de sua individuação no corpo e de sua subsistência individual separada dele<sup>3</sup>.

## II. A ALMA COMO ‘FORMA CORPORIS’: O SER INDIVIDUAL NO CORPO E O SUBSISTIR INDIVIDUALMENTE SEPARADA DELE.

Tomás, ao contrário das opiniões de Avicibrão, Alexandre de Hales e São Boaventura, sustenta que a alma não é composta de matéria e forma<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Nossa análise se fundamenta também sobre as doutrinas destes autores: João de Quidort, *Commentaire sur les Sentences*, J.P. MULLER (ed.) Romae, Pontificium Institutum S. Anselmi, Herder, 1964, Lib. II. q. 15, 62 pp. 52-55; Tomás de Sutton, *Quodlibet I*, M. SCHMAUS and M. GONZALEZ-HABBA (eds.), München, 1969, q. 21, resp. pp. 139-40, n. 20-29; Egidio Romano, *Super librum De causis*. [Venedig 1550], Frankfurt, Minerva G.M.B.H., 1968, Prop. IX, f. 36r; João Capreolo, *Defensiones Theologiae Divi Thomae Aquinatis*, C. PABAN et Th. PÊGUES (eds.), Turonibus, Sumptibus Alfred Cattier, Bibliopolae Editoris, T. III. dist. 3, q. 1, art. 1, secunda conclusio, p. 202, col. B, in fine; Pedro Nigrí, *Clypeus Thomistarum*. Venetiis, 1481, q. 51, f. s2va e f. s3rb; Domingo de Flandes, *Quaestionum super Metaphysice*. [Venedig, 1499 e 1523], Frankfurt, Unveränderter Nachdruck, Minerva G.M.B.H., 1967, Lib. VII, q. 22, Tertium, sol. col. B; Paulo Soncinas, *Quaestiones Metaphysicales acutissimae*. Frankfurt, Minerva G.M.B.H., 1967, Lib. VII, q. 33, p. 167 e Lib. VII, q. 34, p. 168; Francisco Ferrariense, *Commentaria in Summa Contra Gentiles*, ed. Leonina, Romae, Typis Riccardi Garroni, 1918, T. 15, II, c. 75, n. V, p. 477; João Paulo Nazário, *Commentaria et controversiae in primam partem Summae*, Bononiae, Apud Haeredes J.R. ROSSII, 1619-1625, p. 108; Tomás de Vio Cayetano, *In De ente et essentia D. Thomae Aquinatis Commentaria*, P.M-H. LAURENT (ed.), Taurini, Marietti, 1934, c. 2 q. 5, p. 55, n. 37; Domingo Báñez, *Scholastica Commentaria in primam partem Summae Theologiae S. Thomae Aquinatis*, Fr. L. URBANO (ed.), Madrid-Valência, Editorial F.C.D.A. 1934, I., q. 3, a. 2, p. 126 a; João de Santo Tomás, *Cursus Philosophicus Thomisticus*, P.B. REISER (ed.) OSB, Romae, Marietti, 1820, Tomus II: Philosophia Naturalis, III, q. IX. a. 3, pp. 770-771 b-a, n. 35-10.

<sup>4</sup> Avicibrão, *Fons Vitae*, Cl. BAEUMKER (ed.), in *Beiträge zur Geschichte der Philosophie des Mittelalters*, Münster, 1892-1895, Fasc. I-II, III 3, p. 81 n. 12: «Substantiae

Como Santo Agostinho e Pedro Lombardo afirma que a alma é simples se comparada com o corpo e complexa sem compará-la<sup>5</sup>. A alma humana não é *simplex simpliciter*, porque a simplicidade da alma humana não é absoluta, pois ela se compõe de *esse* e *quod est*<sup>6</sup>. Daí que para Tomás *omne quod procedit a Deo in diversitate essentiae, deficit a simplicitate eius*<sup>7</sup>. Retomando a tese de Agostinho, Tomás estabelece que a alma, que é simples, «Deus a cria infundindo e a infunde criando no corpo»<sup>8</sup>. A alma humana –que é simultaneamente sensitiva e nutritiva– é criada por Deus no final do processo da geração humana, depois da corrupção da última forma substancial pré-existente<sup>9</sup> na matéria do sêmen dos pais (forma de corporeidade).

A alma intelectiva, que é de natureza espiritual, é mais nobre em perfeição do que as demais almas de natureza corpórea, como a alma nutritiva e a sensitiva, porque ela tem, em si mesma, a perfeição daquelas inferiores. Em razão do grau de perfeição espiritual de sua natureza, a

*simplices formae sunt substantiarum compositarum, sicut anima et intelligentia»; V 19, p. 294 n. 11-12; IV 1, p. 212 n. 11-17. Alexandre de Hales, Summa Theologica, ed. PP. Collegii S. Bonaventurae, Florentiae, Ad Claras Aquas, Quaracchi, 1928, II, pp. 319-320, n. 257, e p. 399, n. 328, sol; São Boaventura, Opera Omnia, ed. Quaracchi, 1882-1902, In II Sent 17, 1, 2: «licet autem anima humana rationalis compositionem habeat ex materia et forma».*

<sup>5</sup> Pedro Lombardo se apóia na doutrina de Agostinho: Santo Agostinho, *Opera Omnia*, J.P. MIGNE (ed.), Parisiis, 1891, PL 42, In VI libro De Trinitate, c. 10, n. 12, col. 932; Pedro Lombardo, *Sententiae in IV libris distinctae*, ed. Collegii S. Bonaventurae, Romae, Ad Claras Aquas, 1971, I. d. VIII, cp. 4 (24), p. 99: «Creatura quoque spiritualis, ut est anima, in comparatione quidem corporis est simplex; sine comparatione vero corporis, multiplex est, et non simplex»; São Tomás de Aquino, *Opera Omnia*, R. BUSA (ed.), cum hypertextibus in Cd-Rom, Milano, Editoria Elettronica Editel, 1992, In I Sent d8 q5 proemium; a2 obj6: In I Sent d8 q5 a2 ad6; In II Sent d17 q1 a2 ad1 y d17 q2 a2 ad5. Mais informações históricas sobre isso vejam: O. LOTTIN, «La composition hylémorphique des substances spirituelles», *Revue Neo-Scholastique de Philosophie* 34 (1932) 21-41; id. «La simplicité de l'âme humaine avant saint Thomas d'Aquin» in *Psychologie et Morale aux XIIIe et XIIIe siècles*, Duculot, Gembloux, 1957, tome I, pp. 427-479.

<sup>6</sup> In I Sent d8 q5 a2 ad1: «in anima invenitur compositio esse et quod est».

<sup>7</sup> In I Sent d8 q5 a1 sol.

<sup>8</sup> In II Sent d3 q1 a4 ad1: «quia, secundum Augustinum, et infundendo creatur, et creando infunditur». Também admitiram esta doutrina: Alexandre de Hales, *Summa Theologica*. II, n. 343, p. 417a e Pedro Lombardo, *Sententiae in IV libris distinctae*. (Ad Claras Aquas, 1971). II. Dist. XVII, cap. 2 (97), p. 412.

<sup>9</sup> *STh* I q118 a2 sol: «Sic igitur dicendum est quod anima intellectiva creatur a Deo in fine generationis humanae, quae simul est et sensitiva et nutritiva, corruptis formis praeeistentibus».

alma humana, enquanto forma que é, inclui em si a perfeição de corporeidade, sem ser corpórea.

Portanto, não se faz necessário que a «corporeidade», que na geração humana é determinada pela forma da matéria dos semens dos pais, permanecesse no gerado quando da infusão instantânea da alma intelectual humana; seja porque a alma intelectual possui a perfeição de corporeidade sem ser corpórea; seja porque seria um absurdo a permanência da corporeidade dada pelos semens dos pais (mediante suas respectivas formas corpóreas), sem que se corrompessem as próprias formas corpóreas dos semens.

Mas se é condição para a geração de uma nova forma substancial a corrupção da anterior, neste caso a geração causaria um acúmulo de formas substanciais, o que contraria energicamente a doutrina tomista da unidade da forma substancial no composto humano. Será, pois, sob esta perspectiva que se afirmará a existência de uma única alma no corpo e não três, posto que a alma humana possui as perfeições vegetativa, sensitiva e intelectual.

O ponto central para entender essa doutrina tomista está em que a alma humana quando é infusa no instante depois da corrupção das formas dos semens, dá seguimento ao processo de geração, formação e desenvolvimento do embrião, porque não lhe falta nada, inclusive a corporeidade, já que ela mesma, também, possui tal perfeição. Mas, em que momento se dá tal infusão? Teria que acontecer numa mínima duração de tempo e teria que ser suficiente para que ocorressem tais coisas: a corrupção das formas substanciais dos semens; a instantânea infusão da alma humana; a simultânea geração, formação e princípio de desenvolvimento do embrião e a manutenção dos acidentes (herança genética, como cor dos olhos, cor de pele, disposição corpórea etc.) daquelas formas substanciais corrompidas previamente, quando da infusão da nova forma.

### III. CRIAÇÃO E INDIVIDUAÇÃO INSTANTÂNEA DA ALMA HUMANA SIMULTÂNEA À DISPOSIÇÃO DO EMBRIÃO.

É instantânea a criação da alma<sup>10</sup> e simultânea sua infusão no corpo, constituindo uma união substancial, na qual se dá a individuação:

<sup>10</sup> O término da alteração é a geração (*De Nat Mat* c2 n374) e o da geração é a introdução da forma substancial: *forma est vero finis generationis* (Ibidem). A forma ao ser recebida na matéria é individuada (*De Ver* q28 a8 sc7). J. GRETT tem razão ao afirmar que a individuação é o término da geração (*Elem. Arist. Thomis.* I, Roma, Herder, 1961, p. 315).

*inividuatio sua est ex unione eius ad corpus*<sup>11</sup>. Para Tomás a união da alma com o corpo não exige, como supôs Alexandre de Hales, *medium in unione*<sup>12</sup>, por disposições e adaptações<sup>13</sup>.

A alma dá o (seu) ser ao corpo e o corpo o sustenta individualmente. João de Santo Tomás, comentando esta passagem, afirma que compete à natureza da forma dar o ser que recebê-lo, aplicando-se o mesmo à alma humana<sup>14</sup>. Por isso, afirma Tomás que *unumquodque secundum idem habet esse et individuationem*<sup>15</sup>, não sendo possível *quod in homine sit aliqua alia forma substantialis quam anima intellectiva*<sup>16</sup>. Daí a sentença tomista da unidade da forma substancial no composto<sup>17</sup>.

Neste sentido, a individuação se dá no instante (*De Inst* c3 n324), pois todo término do movimento se dá no instante, sem um instante antes e outro depois (*In IV Sent* d49 q3 a1 c ad3), portanto a individuação que é o término da geração se dá também no instante, já que a matéria individua a forma, quando introduzida instantaneamente na matéria (*In III Sent* d18 q1 a3 sol; *In IV Sent* d11 q1 a3 B sol; *STh* I q53 a3 sol; I-II q113 a7 ad4-5; III q6 a4 sol; q33 a1 sol; q75 a3 sol). Disso decorre que a individuação é instântanea. O tomista Paulo Sincinas afirma o mesmo: *Quaestiones Metaphysicales acutissimae*, Lib. VII, q. 33, p. 168.

<sup>11</sup> *In II Sent* d17 q2 a2 ad5. Veja: J.B. WALL, «The mind of St. Thomas on the principle of individuation», *The modern schoolman* 18 (1940-41) 41-44; C.L. BONNET, «Note on the Thomistic Interpretation of Complex Individual Bodies», *The Modern Schoolman* 21 (1944) 101-107; id. «The unity of the complex individual body», *The Modern Schoolman* 22 (1944) 33-43.

<sup>12</sup> Alexandre de Hales, *Summa Theologica*. II, n. 345, p. 420a.

<sup>13</sup> *De An* a9 sol.

<sup>14</sup> João de Santo Tomás, *Philosophia Naturalis*. III, q. IX. art. 1, p. 753 a-b, n. 31-05.

<sup>15</sup> *De An* a1 ad2: «unumquodque secundum idem habet esse et individuationem».

Veja: João Capreolo, *Defensiones Theologiae Divi Thomae Aquinatis*. III. dist. 3, q. 1, art. 3, p. 249; Francisco Ferrariense, *Commentaria in Summa Contra Gentiles*. II, c. 75, n. IV, p. 477. Godofredo de Fontaines em *Quodlibet*. VII, q. 5, p. 323, opondo-se à tese tomista, sustenta que a forma seria tal princípio porque ela daria o ser a matéria. O mesmo fez J. OWENS em «Thomas Aquinas (B. CA. 1225; D. 1274)» in *Individuation in Scholasticism*. J. Gracia (ed.), New York, SUNY, 1994, pp. 173-194.

<sup>16</sup> *STh* I q76 a4 sol. Veja: P. DENIS, «Le premier enseignement de Saint Thomas sur l'unité de la forme substantielle», *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen Âge* 21 (1954) 139-164; D.A. CALLUS, «The problem of plurality of forms in the thirteenth century. The thomist innovation» in *L'homme et son destin d'après les penseurs du moyen âge* (Actes du Premier Congrès international de Philosophie médiévale), Louvain-Paris, 1960, pp. 577-585; B.C. BAZÁN, «Pluralisme de formes ou dualisme de substances? La pensée pré-thomiste touchant la nature de l'âme», *Revue Philosophique de Louvain* 67 (1969) 30-73; O. LOTTIN, «La composition hylémorphique des substances spirituelles», *Revue Neo-Scholastique de Philosophie* 34 (1932) 21-41; id. «La simplicité de l'âme humaine avant saint Thomas d'Aquin» in *Psychologie et Morale aux XIIe et XIIIe siècles*. Duculot, Gembloux, 1957, tome I, pp. 427-479; N. USHIDA, «The problem of matter as

Dessa união perfeita, Tomás deduz que a alma humana é mais perfeita quando unida ao corpo do que separada dele<sup>18</sup>. Francisco Ferrariense, interpretando a tese tomista, estabelece a *materia signata* como *conditio sine qua anima non individuatur* e destaca que há aptidão da alma à matéria<sup>19</sup>. Portanto, se a alma é a única forma substancial do corpo, ao contrário do que opinou Santo Alberto<sup>20</sup>, para Tomás, a alma se encontra infusa no embrião desde a sua criação, porque foi criada instantânea e infusa simultaneamente à disposição do corpo<sup>21</sup>. E não se trata de afirmar que a alma só estaria presente no embrião de modo potencial, porque segundo Tomás ela se encontra nele de modo atual, ainda que mais imediatamente se manifestam só as suas capacidades sensitivas e

principle of individuation and unity of substancial form in St. Thomas Aquinas», *Studies in Medieval Thought* 17 (1975) 28-45; 147-148; id. «Le problème de l'unité de la forme substancielle chez Saint Thomas d'Aquin et Avicenne» in *Actas del V Congreso Internacional de Filosofía Medieval II*. Madrid, Editora Nacional, 1979, pp. 1325-1331.

<sup>17</sup> *STh* I q76 a3 sol: «impossibile videtur plures animas per essentiam differentes in uno corpore esse»; *CG* II c58 n1346: «Si igitur ponantur in homine plures animae sicut diversae formae, homo non erit unum ens, sed plura (...)»; n1350: «Non igitur sunt diversae animae in nobis»; *In IV Sent* d44 q1 a1 quaest1 ad4; *In de Div Nom* IX lect2 n826; *De Pot* q3 a9 ad9; *De An* a11 sol; *De Spirit Creat* a3 sol; *Quodl* I q4 a1; XI q5; *Comp Th* I c90 n166-167; *Sup Cor* I 15 lect6 n985-986.

<sup>18</sup> É natural que a alma se una ao corpo [*STh* I q76 a1 ad6], porque 'melius animae est ut corpori uniatur' e 'anima unita corpori perfectior est quam separata' [*STh* I q89 a1 sol; a2 ad1; q90 a4 sol; q118 a3 sol; *In IV Sent* d43 q1 a1 quaest1 ad4; d49 q1 a4 quaest1 sol; *CG* I c85; *De Pot* q5 a10 sol].

<sup>19</sup> Francisco Ferrariense, *Commentaria in Summa Contra Gentiles*. II, c. 75, n. IV-V, p. 477.

<sup>20</sup> Santo Alberto, *Beati Alberti Magni Ratisbonensis Episcopi, ordinis praedicatorum Opera Omnia*, A. BORGNET (ed.), Paris, 1890-1899, vol. XXXV *De animalibus* XVI, I, 16; *Summa de creat*, II, tr. 1, q. 17, a. 3, p. 159b. Vejam: A. DELORME, «La Morphogénèse d'Albert dans l'embriologie scolastique», *Revue Thomiste* 36 (1931) 352-360; N. ALBUERNE, «San Alberto Magno, naturalista», *La Ciencia Tomista* 46 (1932) 267-298.

<sup>21</sup> Para Tomás 'anima rationalis non potest produci per transmutationem alicuius materiae, ideo non potest produci nisi a Deo immediate' [*STh* I q90 a3 sol]; e se não foi criada antes do corpo, 'debutit creari in corpore' [idem, I q91 a1 ad1], sendo necessário que fosse criada e infusa simultaneamente, pois 'creatio et infusio sunt simul respectu animae' [*STh* I-II q83 a1 ad4; *In II Sent* d32 q2 a1 ad1]. Daí que para o Angélico *forma vero non incipit esse in materia nisi in ultimo instanti alterationis* [*De Pot* q3 a9 ad9]. Tomás de Sutton sustentou o mesmo em: *Quaestiones ordinariae*, q. 18, Ad vicesimum sextum, p. 521, n. 742-748.

nutritivas<sup>22</sup>; permanecendo ali sua capacidade superior, o entendimento, só *virtualmente*<sup>23</sup>. Tomás assim define esta relação ontológica de alma e corpo, coordenada por Deus: *creans dat esse animae in corpore; et generans disponit corpus ad hoc quod huius esse sit participes per animam sibi unitam*<sup>24</sup>.

Em razão da unidade da alma no corpo, desde sua criação é pela mesma forma que o homem vive, sente e entende<sup>25</sup>, capacitando suas virtudes no corpo segundo um processo que vai do imperfeito ao mais perfeito em virtude, isto é, da capacidade vegetativa à intelectiva, passando pela sensitiva<sup>26</sup>. Daí as palavras do Angélico: *anima praeexistit in embryo a principio quidem nutritiva, postmodum autem sensitiva, et tandem intellectiva*<sup>27</sup>. A alma humana não recebe o seu ser de Deus, senão no corpo<sup>28</sup>, não sendo criada, pois, antes do corpo<sup>29</sup>, nem sendo induzida da matéria, já que a alma *non habeat materiam partem sui ex qua sit*<sup>30</sup>. E

<sup>22</sup> Tomás afirma que o que pode uma forma inferior, pode mais uma superior; a alma humana que é intelectiva possui em capacidade a sensitiva e a nutritiva: *STh I q76 a4 sol*: «nulla alia forma substantialis est in homine, nisi sola anima intellectiva: et quod ipsa, sicut virtute continet animam sensitivam et nutritivam, ita virtute continet omnes inferiores formas, et facit ipsa sola quidquid imperfectiores formae in aliis faciunt»; veja: *STh I q76 a3 sol*.

<sup>23</sup> Neste contexto a palavra *virtual* significa ao modo de uma virtude, tendo o sentido de *capacidade*, que não é o mesmo que *potencial*. A alma intelectiva embora não manifeste suas operações superiores imediatamente de sua infusão e existência no embrião, ela se encontra presente nele desde sua disposição. A virtude intelectiva, na ordem da geração e do tempo, é posterior, porque segundo esta ordem de consideração, o imperfeito é prévio ao perfeito [*STh I q77 a4 sol*], dependendo a virtude perfeita da inteira disposição do corpo.

<sup>24</sup> *De Pot q3 a9 ad20*.

<sup>25</sup> *STh I q76 a1 sol*: «Manifestum est autem quod primum quo corpus vivit, est anima (...) anima est primum quo nutrimur, et sentimus, et movemur secundum locum; et similiter quo primo intelligimus»; *idem*, a3 sol.

<sup>26</sup> Vejam: *De Pot q3 a9*; *STh I q76 a1, a3, a4*; *q77 a4 y a7*; *q90 a1-4*; *q118 a1-3*; *CG II c86-89*; *In II Sent d18 q2 a1*; *d19 q1 a4*; *De Ver q27 a3 ad9*; *De Spirit Creat a2 ad8*; *Quodl IX q5 a1*; *Comp Th c93*.

<sup>27</sup> *STh I q118 a2 sol*.

<sup>28</sup> *In II Sent d3 q1 a4 ad1*: «quamvis anima sit forma simplex (...) tamen anima non recipit esse a Deo nisi in corpore».

<sup>29</sup> *STh I q90 a4 sol*: «Manifestum est enim quod Deus prmas res instituit in perfecto statu suae naturae, secundum quod unius cuiusque rei species exigebat. Anima autem, cum sit pars humanae naturae, non habet naturalem perfectionem nisi secundum quod est corpori unita. Unde non fuisset conveniens animam sine corpore creari». Vejam: *I q91 a4 ad3 y 5*; *q118 a3 sol*; *In II Sent d17 q2 a2 sol*; *CG II c83-84*; *De Pot q3 a10 sol*.

se a alma não pode ser induzida da potência da matéria, também não pode ter pré-existido no sêmen dos pais<sup>31</sup>. Daí que para Tomás ela *non potest fieri nisi per creationem*<sup>32</sup>. Deus é o criador da alma, mas isso não significa que ela seja parte ou induzida do ser de Deus<sup>33</sup>. Assim, ainda que não seja necessária a criação da alma se disposta a matéria –já que Deus pode não criá-la ainda que se disponha a matéria<sup>34</sup>– será condição para a infusão instantânea da alma a disposição simultânea do corpo<sup>35</sup>, pois, segundo Tomás, *ipsam dispositionem corporis sequitur dispositio animae rationalis*<sup>36</sup>. A alma tem *materia in qua*, mas não *materia ex qua*. Disso decorre que a multiplicidade dos corpos não pode ser causa da multiplicidade das almas<sup>37</sup>.

Tomás, como Avicena, admite que o corpo é o princípio de individuação da alma humana<sup>38</sup>, porém destaca que a alma só depende do

<sup>30</sup> *In II Sent* d17 q2 a1 ad5.

<sup>31</sup> Tomás afirma que é herética a doutrina que estabelece que a alma humana é induzida do sêmen: *STh* I q118 a2 sol: «Et ideo haereticum est dicere quod anima intellectiva traducatur cum semine». O Ferrariense também expõe isso de modo claro: *Commentaria in Summa Contra Gentiles*. II, c. 75, n. III, p. 476.

<sup>32</sup> *STh* I q90 a2 sol; *In II Sent* d1 q1 a4 sol; *CG* II c87; *De Ver* q27 a3 ad9; *De Spirit Creat* a2 ad8; *Quodl* IX q5 a1; *Comp Th* I c93.

<sup>33</sup> *STh* I q90 a1 sol.

<sup>34</sup> *De Nat Mat* c2 n374: «Et ideo in generatione hominis non attingitur ad idem specie ex vi generationis sicut aliis: quantumcumque enim materia secundum naturam disponatur ad animam humanam, Deus tamen potest eam non creare».

<sup>35</sup> Tomás de Sutton denomina Deus causa eficiente e o corpo causa dispositiva da individuação: *STh* I-II q49 a2 ad3; *In IV Sent* d17 q1 a2 quae2 sol. Vejam: Tomás de Sutton, *Quaestiones ordinariae*, q. 27, Respondeo, Ad nonum, p. 763, n. 547-552; veja também: *Quaestio de principio individuationis*. Art. 2, respondeo, p. 587-588, col. A-B; *Quaestiones ordinariae*, q. 18, p. 510, n. 423-441.

<sup>36</sup> *De Pot* q3 a9 ad7.

<sup>37</sup> *CG* II c81 n1620: «Unde sequitur quod multiplicantur quidem animae secundum quod multiplicantur corpora, non tamen multiplicatio corporum erit causa multiplicationis animarum». Tomás de Sutton não compreendeu a doutrina do Aquinate, pois sustentou que a diversidade dos corpos seria condição necessária para a diversidade das almas: Tomás de Sutton, *Quaestiones ordinariae*, q. 27, Respondeo, Ad decimum, p. 764, n. 562-566.

<sup>38</sup> Tomás manifesta sua tese de que a alma se individua pelo corpo desde suas primeiras operações: *In I Sent* d8 q5 a2 ad6: «Et dico quod non individuatur nisi ex corpore»; II d17 q1 a2 ad1: «principium enim individuationis animarum est ex parte ex parte corporis». Vejam: *De Ent et Es* c5 n31; *STh* I q76 a2 ad2; *CG* II c75 n1549; c81 n1620; *De Spirit Creat* a9 ad3. Para Avicena, a singularidade da alma não existia desde a eternidade, senão que começa a existir no tempo mediante a matéria corporal apta a servi-la, porque o cuerpo é o seu reino e instrumento: *Liber de Anima*. (AL IV-V), pp. 107-108,

corpo para *começar a existir individualmente*, mas não para *subsistir individualmente* separada dele<sup>39</sup>. Para Tomás o subsistir é *determinatum modum essendi*<sup>40</sup> e por isso *hoc nomen subsistentia significat quod est per respectum ad individuationem*<sup>41</sup>. Esta tese contraria as opiniões de Guillaume de Alvérnia<sup>42</sup> e de Suárez<sup>43</sup>, pois para Tomás a alma humana, depois da corrupção do corpo, não perde sua individualidade, porque a retém<sup>44</sup> permanecendo sempre individual<sup>45</sup>.

#### IV. CONCLUSÃO.

Como nos ensina Francisco Ferrariense, ainda que a alma humana subsista, ela não se individua a si mesma<sup>46</sup>. Para Tomás, como vimos acima, a alma humana é forma do corpo<sup>47</sup> e convém que ela exista unida

n. 75-79. O Aquinate aceita a doutrina de Avicena: *De Ent et Es* c5 n31: «Et ideo dicit Avicenna quod individuatio animarum et multiplicatio dependet ex corpore, quantum a sui principium, sed non quantum a sui finem». Véanse, también: *De Pot* q3 a10; *CG* II c83; *STh* I q90 a4 sol.

<sup>39</sup> *In II Sent* d17 q2 a2 ad4.

<sup>40</sup> *In I Sent* d23 q1 a1 sol.

<sup>41</sup> *In I Sent* d23 q1 a1 sol.

<sup>42</sup> Guillaume de Alvérnia, *Opera Omnia Parisiis 1674*, Frankfurt, Minerva, 1963, *De universo*, Vol. 1, II, 2 c. 9, p. 853, aH; N. VALOIS, *Guillaume d'Auvergne Évêque de Paris (1228-1249): Sa vie et ses ouvrages*. Paris, Librairie d'Alphonse Picard, 1880, pp. 262-265.

<sup>43</sup> Francisco Suárez, *Disputaciones Metafísicas*, ed. S. Rábade, Madrid, Gredos, 1960, V, sect. 2, p. 591, n. 29, (a).

<sup>44</sup> Domingo de Flandes, *Quaestionum super Metaphysice*. Lib. VII, q. 22, Sextum, Respondeo, col. B: «et ita est de anima quae retinet esse suum post corporis destructionem; quod etiam manet in ipsa esse individuum et distinctum»; Francisco Ferrariense, *Commentaria in Summa Contra Gentiles*. II, c. 75, n. III, p. 476.

<sup>45</sup> *De Ent et Es* c5 n31: «Et licet individuatio eius ex corpore dependeat, quantum ad sui inchoationem, quia non acquiritur sibi esse individuum, nisi in corpore cuius est actus; non tamen oportet, ut, subtracto corpore, individuatio pereat; quia cum habeat esse absolutum, ex quo acquisitum est sibi esse individuum, ex hoc quod facta est forma huius corporis, illud esse semper remanet individuum»; veja: *In II Sent* d3 q1 a4 ad1: «Unde ex corpore recipit esse individuum: quod quia non dependet ex corpore, remanet individuatio, etiam destructo corpore». Vejam: *STh* I q76 a1 ad5-6; I-II q2 a5 sol; q4 a5 ad2; II-II q90 a4 ad3; *In I Sent* d8 q5 a2 ad6; II d17 q2 a2 ad1 y 4; *CG* II c80-81 y 86; *De Ver* q19 a1 sol; *De Pot* q3 a9 sol; a10 ad16; *De An* a1 ad2.

<sup>46</sup> Francisco Ferrariense, *Commentaria in Summa Contra Gentiles*, I, c. 21, n. III, p. 65.

<sup>47</sup> S. Tomás de Aquino, *De An* a1 sol: «Manifestum est enim id quo vivit corpus animam esse, vivere autem est esse viventium: anima igitur est quo corpus humanum habet

e individuada nele<sup>48</sup>, pois, como afirmou Domingo de Flandes, a alma depende de subsistir no corpo, porque o que não subsiste segundo sua subsistência completa, depende do corpo no princípio<sup>49</sup>. Porque a alma «não possui em si mesma algo pelo que seja individuada», necessita individuar-se pelo corpo<sup>50</sup> para «entender» e «abstrair» as espécies<sup>51</sup>. Por essa razão para Tomás *individuatō animae etsi aliquam relationem habeat ad corpus*<sup>52</sup>.

O tomista Domingo de Flandes sustenta que a alma mantém em si virtualmente, depois da separação do corpo, a capacidade de individualidade<sup>53</sup>. Esta capacidade é o que justificaria a mesma aptidão da alma ao seu corpo na ressurreição<sup>54</sup>. Para finalizar, convém destacar que para Tomás o corpo é o princípio de individuação da alma humana; e em outro lugar dirá que a personalidade é o princípio de individuação da natureza humana: *individuatō autem conveniens humanae naturae est*

esse actu. Huiusmodi autem forma est. Est igitur anima humana corporis forma». Veja: J. ARANGUREN, *El lugar del hombre en el universo: "anima forma corporis", en el pensamiento de Santo Tomás de Aquino*, Pamplona, Eunsa, 1997, pp. 49-106.

<sup>48</sup> *In De An III lect8 n706.*

<sup>49</sup> Domingo de Flandes, *Quaestionum super Metaphysice*. Lib. VII, q. 22, Sextum, Respondeo, col. B: «Sed quod non subsistit subsistentia completa sed in perfectione suae naturae dependet a copore quantum ad principio (...) quantum vero ad sui principium in perfectione suae naturae individuatur actu ex corpore». Para Flandes, a alma humana subsiste depois da corrupção do corpo porque retém o ser individual: *Quaestionum super Metaphysice*. Lib. VII, q. 22, Sextum, Respondeo, col. B: «et ita est de anima quae retinet esse suum post corporis destructionem; quod etiam manet in ipsa esse individuum et distinctum».

<sup>50</sup> *In I Sent d8 q5 a2 ad6*: «in anima non est aliquid quo ipsa individuetur (...) Et dico quod non individuatur nisi ex corpore».

<sup>51</sup> *De An a1 sol*: «Multo autem minus potest stare quantum ad animam rationalem, cuius operationes sunt intelligere et abstrahere species, non solum a materia, sed ab omnibus conditionibus materialibus individuantibus».

<sup>52</sup> *De An a1 ad2.*

<sup>53</sup> Domingo de Flandes, *Quaestionum super Metaphysice*. Lib. VII, q. 22, Sextum, Respondeo, col. B: «et hoc est quomodo dicit quod anima separata individuatur per habitudinem ad corpus, non quod illa habitudo formaliter individuet animam sed quia anima habet habitudinem ad corpus sicut propria perfectio ad proprium perfectibile».

<sup>54</sup> S. Tomás de Aquino, *De Nat Mat c7 n403*. Sobre ressurreição e identidade corporal vejamos: E. HUGUENY, «Résurrection et identité corporelle selon les philosophies de l'individuation», *Revue des sciences philosophiques et théologiques* 23 (1934) 94-106; M. BROWN, «St. Thomas and the individuation of persons», *American Catholic Philosophical Quarterly* 65 (1991) 29-44.

*personalitas*<sup>55</sup>. A unicidade total do homem resulta desta íntima realidade que é a individualidade humana, causada pelo corpo e a incomunicabilidade pessoal da natureza humana, causada pela personalidade.

*Universidade Federal Fluminense*

<sup>55</sup> S. Tomás de Aquino, *CG IV c41 n3792; De Un Ver a1 sol.*